

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n2.007

Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**A LINGUAGEM ANTROPOMÓRFICA NO ANTIGO TESTAMENTO E O
“ARREPENDIMENTO” DE DEUS EM ÊXODO 32.14**
ANTHROPOMORPHIC LANGUAGE IN THE OLD TESTAMENT AND GOD'S
“REPENTANCE” IN EXODUS 32:14Werbston da Silva Coelho¹**RESUMO**

O presente trabalho se propõe a demonstrar que Deus é imutável em seus desígnios e na maneira como lida com sua criação, da qual se utiliza para cumprir seus insondáveis propósitos, revelando-se nas Escrituras através de uma linguagem antropomórfica que embora sugira uma mudança de direção ou “arrependimento”, na verdade, expressa seu caráter misericordioso e compassivo sem alteração de sua substância. Nessa toada, também procura demonstrar que a objeção do teísmo aberto à imutabilidade do ser de Deus deita raízes no liberalismo teológico, cujos pressupostos excluem a inerrância e inspiração das Escrituras, bem como seu caráter autoritativo, no que resulta em frágil argumentação, que exalta a perspectiva humana em detrimento da natureza e do caráter do Criador. Dentre as passagens veterotestamentárias referentes ao tema, analisa-se o texto de Êxodo 32.14. A metodologia utilizada é a da pesquisa bibliográfica, com observância dos métodos indutivo e dedutivo. As proposições decorrentes do tema da imutabilidade de Deus, do ponto de vista teológico, são estabelecidas, para empós apresentar-se resultados da pesquisa.

Palavras-chaves: Imutabilidade de Deus. Arrependimento. Linguagem antropomórfica.

ABSTRACT

The present work aims to demonstrate that God is immutable in his designs and in the way he deals with his creation, which he uses to fulfill his unfathomable purposes, revealing himself in the Scriptures through an anthropomorphic language that although it

¹ Mestrando em Teologia Profissional pelas Faculdades Batista do Paraná. werbston@yahoo.com.br

suggests a change of direction or “repentance”, indeed, expresses its merciful and compassionate character without altering its substance. In this vein, it also seeks to demonstrate that the opposition of open theism against the immutability of God's being is rooted in theological liberalism, whose assumptions exclude the inerrancy and inspiration of Scripture, as well as its authoritative character. It results in a weak argument that exalts the human perspective to the detriment of the nature and character of the Creator. Among the Old Testament texts referring to the theme, it analyzes the text of Exodus 32.14. The methodology used is bibliographic research, with observance of the inductive and deductive methods. The propositions arising from the theme of the immutability of God, from the theological point of view, are established. Afterward, the results of the research that is presented.

Keywords: Immutability of God. Repentance. Anthropomorphic Language.

INTRODUÇÃO

Parece fora de discussão que uma leitura a mais superficial da Bíblia revela que ela não é o resultado de um ditado divino puro e simples. Mesmo diante da premissa básica que sustenta toda a ortodoxia cristã, no sentido de que a Bíblia é um livro inteiramente inspirado por Deus e, por conseguinte, inerrante em toda a sua mensagem, é surpreendente constatar que, de outra banda, está-se diante de um livro visceralmente humano.

A esse respeito, não se pode olvidar que a Bíblia foi escrita ao longo de um período de mais de mil e quinhentos anos, pelas mãos de dezenas de escritores, alguns deles totalmente desconhecidos, mas a sua maioria composta de verdadeiros personagens históricos, donde se conclui que se trata de um livro que finca raízes na raça humana e se confunde com sua própria história.

Por outro lado, embora com um registro humano, a Bíblia é um livro revelado por Deus. Sua mensagem, incluindo as próprias palavras, é divina, tendo Deus como fonte da qual emana, além de fim último de seu propósito escriturístico. Não seria precipitado concluir-se, então, que a Escritura é tanto divina quanto humana, tal qual o Deus encarnado na pessoa de Jesus Cristo. Um só livro com duas naturezas. Deve-se fazer, contudo, uma ressalva: enquanto o Cristo deve ser adorado, a Bíblia, naturalmente, não se presta a tal desiderato.²

Outro aspecto que deve ser realçado na humanidade das escrituras é o fato de que ela conta uma história que se passa no tempo e no espaço. Por mais extraordinários que sejam os feitos por ela narrados, não há como fugir do fato de que a Bíblia não pode prescindir de uma investigação histórica. “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé...”, já dizia o percuciente apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 15.14. O Cristianismo não é um sistema filosófico abstrato, alheio à história. Ao reverso, ele busca seu fundamento de validade na história e não subsiste sem seu respaldo.

Arelada a essa nota convincentemente humana que a Bíblia ostenta percebe-se em suas linhas e entrelinhas a graciosa autorrevelação de Deus, que surpreendentemente se valeu do testemunho humano para falar sobre si. Esse Deus que gradualmente se revela aos

² CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2020, p. 18.

homens escolheu fazê-lo no ambiente e na linguagem humanos. Por hora, basta-nos constatar que Deus parece não apenas ter escolhido o tempo e os lugares em que se daria sua revelação, mas também e principalmente a forma e os instrumentos que utilizaria para apresentá-la. O principal deles não é senão a linguagem escrita antropomórfica. Trataremos com mais detença acerca de seu conceito e expressões ao longo do artigo.

Algumas indagações, porém, devem ser formuladas no momento: 1) seria o antropomorfismo suficiente para explicar a afirmação cabal de algumas passagens bíblicas, mormente aquela objeto do estudo, inserta em Êxodo 32.14, de que Deus se arrepende?; 2) qual a resposta teísta para este dilema?; 3) O que advogam as diferentes correntes do pensamento teológico acerca do tema?; 4) Quais soluções são apresentadas e como compatibilizá-las com o caráter imutável de Deus?

O presente artigo pretende instigar o enfrentamento de tais questões e propor uma abordagem adequada no trato desse controvertido dilema teológico.

1. O “ARREPENDIMENTO” DE DEUS

“Então, se arrependera o Senhor do mal que dissera havia de fazer ao povo”. São estas as palavras de Moisés, sem rodeios, sem justificações, sem maiores esclarecimentos. A naturalidade com que o autor do Pentateuco expressa algo tão diametralmente oposto àquilo que ele mesmo já havia registrado em outro ponto de sua coletânea de cinco rolos (“Deus não é homem, para que minta, nem filho de homem para que se arrependa” – Nm 23.19) causa estranheza ao mais desatento ou heterodoxo dos leitores.

Antes, porém, de nos debruçarmos sobre o ponto nevrálgico de nosso trabalho, precisamos entender o contexto em que a passagem bíblica em questão está inserida, como forma de traçar um caminho que possa melhor elucidá-la.

1.1 O contexto da passagem (Êx 32.14)

Tomando como base a própria Escritura, vê-se que 1 Reis 6.1 nos informa que o templo de Salomão foi iniciado no quarto ano de seu reinado (ou seja, 966 a.C.), mencionado no texto como o ano 480 depois do êxodo, o que levou Archer Jr a afirmar que “[...] a data exata do êxodo seria 1.445 a.C., no terceiro ano do reinado de Amenotepe II (1447-1421)”.³

Os acontecimentos em torno do episódio do bezerro de ouro ocorreram pouco depois da libertação do povo do jugo egípcio, no início da caminhada de Israel, ao pé do Monte Sinai.

Nesse átimo, cumpre ressaltar que os episódios narrados nos capítulos 32-34 do livro de Êxodo separam as instruções sobre a construção do tabernáculo (Êx 25-31) do relato sobre o cumprimento dessas mesmas orientações (Êx 35-40). Os três capítulos que intermedeiam a narrativa bíblica sobre a importância do tabernáculo servem como interlúdio não menos que imprescindível ao seu desenvolvimento, visto que não apenas registram a violação da aliança

³ ARCHER JR, Gleason L. **Panorama do Antigo Testamento**. 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 264.

por parte de Israel na adoração do bezerro de ouro (cap. 32), mas também o revelador diálogo de Moisés com Deus (cap. 33) e a renovação dessa aliança (cap. 34).⁴

Para além dos detalhes tão conhecidos da narrativa bíblica em tela, chama a atenção o peculiar relacionamento de Moisés com Deus. O profeta roga mais de uma vez a Javé para que não aniquile seu povo, mesmo diante das palavras do Senhor, em Êxodo 32.10. Nessa tentativa, Moisés arrisca seu próprio relacionamento com Deus (Êx 32.32). Sua insistência é tamanha que Javé parece ceder aos apelos de Moisés e, em acréscimo, revela-se a seu servo de maneira inédita e profunda. Deus revela sua própria identidade a Moisés (Êx 34.6-7), de tal modo marcante que a passagem é mencionada até os dias de hoje nas tradições hebraicas com o nome de “Os treze atributos de Deus”, sendo ainda refletida em textos como Nm 14.18; Ne 9.17,31; Sl 86.15; 130.8; 145.8; Jr 32.18; Jl 2.13; Jn 4.2; Na 1.3.⁵

Como destacado por Lasor, Hubbard e Bush:

A renovação da aliança que se segue em 34.10-28 indica sem dúvida que Deus de fato perdoou Israel. Temos aqui uma teologia da graça sem igual no Antigo Testamento. Embora o julgamento divino não seja tragado por sua misericórdia, toda a ênfase está em sua graça. Pois, apesar do lamentável pecado do povo contra a aliança, esta não é anulada. Qual a base para esse perdão notável? De acordo com 33.18-34.9, fundamenta-se totalmente no caráter misericordioso e clemente [de Deus].⁶

A perspicaz observação de Lasor, Hubbard e Bush conduz-nos a um ponto de inflexão sem o qual não podemos prosseguir nesse trabalho. Sobreleva ressaltar que Deus é misericordioso, longânimo, tardio em irar-se e sempre pronto a perdoar. Tais atributos fazem parte de seu caráter, que é imutável, e não apenas expressam o ser de Deus como, em certo sentido, condicionam e determinam sua atuação na história. Sem entender a maneira como Deus trata o pecado e o pecador, propondo a este último um relacionamento misericordioso em face de um arrependimento profundo e eficaz, não há como compreender sua revelação.

O relato do bezerro de ouro e da renovação da aliança formam um padrão único que se repete ao longo da história de Israel. Um povo que (re)começa sua trajetória sempre com grande zelo pelo Senhor, afasta-se dele por questões de somenos importância, volta-se à idolatria, arrepende-se, ante a maldição decorrente da quebra da aliança, e vê Deus levantar vezes sem conta um intercessor para restaurá-la, com base em seu caráter sempre clemente e misericordioso. Esse é o Deus de Êxodo 32.14.⁷

1.1.1 (Im)passibilidade em Deus

O verbo *nāḥam* (arrepender, ceder, mudar de ideia, no hebraico) é usado 34 (trinta e quatro) vezes no Antigo Testamento, tendo Deus como sujeito. Apenas dois textos ensinam que Deus, ao contrário dos homens, jamais precisa se arrepender de pecados (Nm 23.19; 1Sm 15.29). Em outra passagem, é dito que Ele nunca se arrepende de ter escolhido Davi (Sl 110.4).

⁴ LASOR, W. S.; HUBBARD, D. A.; BUSH, F. W. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 83.

⁵ HAMILTON, Victor P. **Manual do Pentateuco**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 257.

⁶ LASOR; HUBBARD; BUSH, 2002, p. 84-85.

⁷ LASOR; HUBBARD; BUSH, 2002, p. 85.

Nas demais passagens que falam sobre o arrependimento de Deus, lemos que Ele se arrepende do “mal” (não do pecado!), sendo esta palavra traduzida em versões como a NVI com o significado de “calamidade” ou “desastre”.⁸

Não raro, Deus se arrepende do mal em resposta ao arrependimento de alguém ou de um povo (v.g., Jr 18.8; 26.3; Jn 3.9,10). Em outras circunstâncias, Deus parece se arrepender em resposta à intercessão de alguém pelo culpado, como no nosso texto base, de Êxodo 32.14, mas também em Amós 7.3,6.⁹

O que podemos extrair das referidas passagens bíblicas, ao menos por hora, é que o registro do arrependimento de Deus em Êxodo 32 indica que o Senhor, conquanto soberano e ativo na história, não se mostra um ser impassível, como o deus do deísmo. Não se trata aqui de um ser frio e insensível, somente porque tem como atributo ser imutável em sua natureza e caráter.

Acerca do tema, Craig expressa-se de modo lapidar:

Longe de considerar a suscetibilidade à dor emocional como fraqueza, a maioria dos filósofos e teólogos cristãos da atualidade diria exatamente o contrário: que se trata de fraqueza, quando alguém não se compadece do sofrimento humano, e de força, quando alguém sente emoções, como dor, indignação, compaixão, etc. De fato, pense sobre a etimologia da palavra ‘compaixão’: sofrer com. Como o maior ser concebível, Deus precisa ser compassivo e compartilhar de nossas tristezas e alegrias. A impassibilidade é de fato uma fraqueza, ao passo que a compaixão contribui para a grandeza de Deus.¹⁰

É bem verdade que teólogos há que fazem uma associação direta e, no seu entender, necessária entre imutabilidade e impassibilidade em Deus. Sustentam que a primeira pressupõe a segunda, como decorrência lógica do fato de que Deus não pode estar sujeito a mutáveis e contingentes paixões, emoções e sentimentos, tal como os homens.¹¹

Deixemos que Cheung explicita esse posicionamento:

Ainda que se possa desenvolver um notável nível de autocontrole pelo poder santificador da Escritura e do Espírito Santo, permanece o fato de que a vontade e a emoção de alguém não mantêm um relacionamento harmônico. O estado emocional de uma pessoa não é sempre exatamente o que ela quer ou decide ser.

Contudo, o que foi dito acima não pode ser verdadeiro acerca de Deus mesmo que ele experimentasse emoções, pois essa falta de autocontrole contradiz sua soberania, imutabilidade e onisciência.¹²

Ocorre que tal vertente interpretativa confunde a possibilidade de Deus sentir emoções com a pressuposição não necessária de que, se isso ocorresse, não teria o controle sobre elas ou, por outra, seria por elas dominado. Tal assertiva evidentemente não se sustenta, dado

⁸ HAMILTON, 2015, p. 255.

⁹ HAMILTON, 2015, p. 255.

¹⁰ CRAIG, William Lane. **A razão da nossa fé: respostas à perguntas difíceis sobre Deus, o Cristianismo e a Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 205.

¹¹ CHEUNG, Vincent. **Introdução à Teologia Sistemática.** São Paulo: Arte Editorial, 2008, p. 85.

¹² CHEUNG, 2008, p. 85.

que se os sentimentos e as emoções não são algo ontologicamente ruim, podem naturalmente conviver em Deus sem a faceta que lhes torna eventualmente maus nos homens, qual seja, o pecado ou, mais especificamente, a falta ou ausência de domínio próprio.

Sobreleva ressaltar, ademais, que toda volição, emoção e atividade, quando aplicados a Deus, sofrem os necessários aperfeiçoamentos decorrentes da própria perfeição de seu ser, de modo a assumirem nele a concretização idealmente esperada em ato e potência.

Assim é que a imutabilidade de Deus não é impeditivo a que ele sinta as emoções perfeitas que emanam do seu ser, de maneira que ao mesmo tempo não seja em nada surpreendido ou frustrado ao interagir com as circunstâncias que produzem tais sentimentos.

De alguma forma que só Deus pode explicar é possível que Ele sinta ira, sem pecar (Jo 2.15,16; 1Pe 2.22), tristeza, sem se deprimir (Sl 78.40; Ef 4.30), alegria, sem se exceder (Is 62.5) e compaixão, sem mudar (Sl 103.13).

A afirmação que consta do capítulo segundo da Confissão de Fé de Westminster (2019, p. 23) de que Deus é “sem [...] paixões” deve ser interpretada com temperamentos. Como bem observa Grudem, ela se baseia em Atos 14.15, que na versão King James relata a oposição de Paulo e Barnabé à adoração do povo de Listra, declarando-se “homens de paixões como as vossas”.¹³ Ocorre que a passagem não pode ser interpretada isoladamente, e mesmo que assim o fosse, não quer absolutamente dizer que Deus seria desapaixonado, diferenciando-se, assim, dos homens.

Primeiramente porque a ideia de deuses desafeiçoados, inerente ao paganismo e, particularmente, ao povo de Listra (v. 10-11), não pode ser tomada como parâmetro de comparação com o soberano Senhor de Israel. Em segundo lugar, o termo grego (ὁμοιοπαθεῖς) na passagem pode tão somente significar ter circunstâncias ou experiências semelhantes a outrem, sem, contudo, denotar algo da exclusiva esfera do humano, como um dado ontológico ou único em sua natureza.

Nas palavras do grande teólogo norte-americano,

Obviamente Deus não tem paixões ou emoções pecaminosas. Mas a ideia de que Deus não tem nenhuma paixão ou emoção está nitidamente em conflito com boa parte do restante das Escrituras, e por essa razão não afirmei a impassibilidade de Deus neste livro. Em vez disso, a verdade é bem o contrário, pois Deus, que é a origem das nossas emoções e que de fato as criou certamente também sente emoções.¹⁴

Por outro lado, não se pode utilizar o texto em discussão no presente trabalho (Êx 32.14) para concluir, açodadamente, que Deus pode ser persuadido com bons argumentos a ver a realidade sob o nosso ponto de vista humano e a agir conforme nós agiríamos se fôssemos Deus, simplesmente porque ele é um Deus compassivo. O fato de a Bíblia apontar decisivamente para o caráter misericordioso de Deus não põe termo à questão que se apresenta na passagem em análise, expressa na inequívoca e, de certa forma, constrangedora afirmação de Moisés de que Deus muda de ideia, o que revela a necessidade de um

¹³ GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática atual e exhaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 114.

¹⁴ GRUDEM, 1999, p. 114.

aprofundamento maior do tema, de modo a fazer o intérprete descer a minúcias de linguagem para melhor entender o que, de fato, o texto quer nos dizer.

1.2 Antropomorfismo – em busca de um conceito

Podemos iniciar com uma definição popular de antropomorfismo:

‘[...] figura de linguagem utilizada pelos escritores da Bíblia em que características físicas do ser humano são atribuídas a Deus com o propósito de ressaltar algo importante. [...] O antropomorfismo essencialmente ajuda a tornar concretas certas verdades abstratas sobre Deus’.¹⁵

O conceito é útil, principalmente porque expressa o que comumente se entende por antropomorfismo no meio evangélico em geral. Antes de prosseguirmos em direção a um conceito mais preciso de antropomorfismo, necessário pontuar que alguns teólogos mais puristas fazem nítida distinção entre antropomorfismo e antropopatismo. O primeiro seria definido como a automanifestação de Deus em forma humana, enquanto o segundo seria a mesma automanifestação de Deus com qualidades humanas – paixões, sentimentos, atitudes, etc. Já outros entendem a linguagem antropomórfica sob uma perspectiva mais ampla, a ponto de incluir no conceito qualquer atribuição de características ou qualidades humanas a Deus.¹⁶

Seja como for, o que não se pode perder de vista neste estudo é que a Palavra de Deus é intrinsecamente antropomórfica,

‘[...] pois a Bíblia é a fala de Deus aos seres humanos na linguagem humana [...] O antropomorfismo é uma descrição da revelação de Deus; não é uma descrição de nossa interpretação das Escrituras. O fato de Deus ter-se revelado de maneira antropomórfica não nos dá o direito de adotarmos uma ‘interpretação antropomórfica’(...)’.¹⁷

Dito de outro modo, todos os aspectos da autorrevelação de Deus são analógicos ou antropomórficos, e sob um ponto de vista de Deus, não nosso. A essência do antropomorfismo se evidencia no fato de que Deus se revela a nós em termos humanos, mas não de modo a permitir que nos comparemos a Ele, como se fôssemos o ponto de referência definitivo. Em suma, “não é suficiente dizer que os antropomorfismos são atribuições humanas a Deus. ‘Ao contrário, nossas qualidades humanas nada mais são do que um reflexo da pessoa e dos atributos de Deus’”.¹⁸

Estabelecidas tais premissas, adotamos o conceito de Ardel B. Caneday:

Porque formou Adão do ‘pó da terra’ e soprou em suas narinas o fôlego da vida, criando-o à sua imagem e semelhança, Deus se faz conhecido às suas

¹⁵ CANEDAY, A. B. Glória Velada. In: PIPER, J.; TAYLOR, J.; HELSETH, P. K. **Teísmo aberto**: uma teologia além dos limites bíblicos. São Paulo: Vida acadêmica, 2006, p. 192.

¹⁶ CANEDAY, In: PIPER; TAYLOR; HELSETH, 2006, p. 194.

¹⁷ CANEDAY, In: PIPER; TAYLOR; HELSETH, 2006, p. 194-195.

¹⁸ CANEDAY, In: PIPER; TAYLOR; HELSETH, 2006, p. 200.

criaturas à semelhança delas, como se ele usasse tanto as formas quanto as qualidades delas, quando, de fato, são elas que usam a sua semelhança.¹⁹

Corroborando tal afirmação e avançando em direção ao papel do ser humano na criação, Hans Wolff sustenta que a chave para a autocompreensão do ser humano reside na relação especial que Deus estabelece com ele a partir da sua Palavra manifestada em Gênesis 1.26. É Deus quem toma a iniciativa, de tal modo que o termo semelhança talvez tenha sido utilizado pelo escritor para “...impedir o equívoco de que a correspondência só significasse identidade e não também diferença na semelhança”.²⁰

2. O SIGNIFICADO DA PASSAGEM

Não é de hoje que os intérpretes da Bíblia se dedicam a fornecer alguma explicação razoável sobre como é possível que o Todo-Poderoso venha arrepender-se ou de alguma forma mudar de ideia. Como destaca Champlin, “a ideia de que Deus pode alterar Sua mente, como se sua capacidade de planejar, com base em sua presciência, fosse defeituosa, é um ataque intolerável contra a correta compreensão dos atributos de Deus”.²¹

O teólogo elenca na obra citada oito pontos de vista diferentes, que tentam esclarecer o texto de Êxodo 32.14. Os estreitos limites do presente trabalho não permitem relacioná-los em toda sua extensão, mas pode-se resumi-los da seguinte forma: i) a passagem estaria expressando um Deus limitado, sendo perfeitamente possível que pudesse se arrepender; ii) estar-se-ia diante de uma linguagem antropomórfica. Deus mudaria sua mente ao longo da história, mas não de fato; iii) Deus se envolveria demais com os homens, estando sujeito às suas ideias e caprichos e abrindo mão de sua soberania e transcendência; iv) Deus não se envolveria pessoalmente com os homens, deixando a critério de uma teofania ou de um anjo a correção dos rumos da história.²²

Ressalte-se, contudo, que a controvérsia que se instaura em torno do texto pode ser reduzida a dois grandes ramos do pensamento teológico, que são, por assim dizer, diametralmente opostos, à semelhança de dois líquidos imiscíveis, e que se colocam atualmente como verdadeiros antípodas, a dividir toda a cristandade, quais sejam, ortodoxia cristã, de um lado, e heterodoxia, do outro. É pela maneira com que cada um de tais segmentos do cristianismo enxerga e interpreta o texto bíblico que surgem respostas as mais diversas para o assim denominado “arrependimento” de Deus.

2.1 Correntes Teológicas – A visão da ortodoxia cristã

Cumprido ressaltar, logo de início, que a resposta ortodoxa parece muito mais consentânea e adequada à revelação bíblica sobre o caráter de Deus e seu método de comunicação com o homem. É bem verdade que há diferentes visões acerca desse intrincado

¹⁹ CANEDAY, In: PIPER; TAYLOR; HELSETH, 2006, p. 195.

²⁰ WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 284.

²¹ CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Candeia, 2000, p. 448.

²² CHAMPLIN, 2000, p. 448.

dilema teológico, mas o fato é que o critério utilizado pelos teólogos tradicionais, ao menos em princípio, parte de uma premissa básica da fé cristã: a inspiração e inerrância bíblica.

Embora, como se verá, a teologia do processo, e mais especificamente o teísmo aberto, pretenda dar uma interpretação literal ao antropomorfismo verificado em passagens como a de Êxodo 32.14, a verdade é que seus seguidores não têm qualquer compromisso com a fidedignidade do texto bíblico, relativizando-o sempre que lhes parece conveniente. Em outras palavras, “literalizam” o arrependimento de Deus e relativizam seu caráter imutável, também constante nas Escrituras (Mt 3.6; Tg 1.17).

Não é o que ocorre com a ortodoxia evangélica. Busca-se conciliar a verdade bíblica irrefutável de que Deus não é contingente como os seres humanos com o fato inexorável de que Ele também é um ser compassivo.

Assim é que, para Victor P. Hamilton,

O que Deus diz a Moisés sobre o futuro de Israel, no capítulo 32, expressa mais a ameaça de um juízo que um decreto. Como tal, é um convite e um estímulo a uma intercessão profética por parte de Moisés. O que Deus faz em Êxodo 32 é, portanto, mais misericórdia que mudança de opinião.²³

Tal visão concilia bem o caráter misericordioso de Deus com sua natureza imutável, razão pela qual muito se aproxima do que de fato pode ter ocorrido no episódio do bezerro de ouro. Uma visão mais conservadora atribui a tais passagens o caráter de mistério, levando em consideração a circunstância de que não é fácil discernir o envolvimento de criaturas finitas com um ser infinito, o que pode resultar em atribuímos a Deus aquilo que não lhe pertence na realidade, como a ideia de arrepender-se.²⁴

Por sua vez, os apologetas Howe e Geisler²⁵ enfrentam melhor a questão, justamente porque abordam seu elemento fundamental: a imutabilidade de Deus. Não é despidendo ressaltar, na linha do que já sustentado neste trabalho, que imutabilidade em Deus não é o mesmo que impassibilidade.

Fixada tal premissa, deixa-se que os ilustres argumentistas despejem luzes sobre a controvérsia:

A atitude de Deus para com o pecado é sempre a ira, mas a sua atitude para com aqueles que o invocam é sempre de misericórdia. Antes de Moisés orar por Israel, eles estavam sob o juízo de Deus. Porém, a intercessão de Moisés pelo povo de Israel levou-os a ficar sob a misericórdia de Deus.

[...]

Quando Moisés disse que Deus se arrependeu, essa foi uma forma figurativa de descrever que a intercessão de Moisés teve êxito em mudar o relacionamento do povo de Israel com Deus. Ele tirou a nação do juízo de Deus e a trouxe para a misericórdia de sua graça. Deus não muda, nem muda de ideia, nem de vontade; sua natureza é imutável.²⁶

²³ HAMILTON, 2015, p. 255.

²⁴ CHAMPLIN, 2000, p. 448.

²⁵ HOWE, Thomas; GEISLER, Norman L. **Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

²⁶ HOWE; GEISLER, 2003. p. 92-93.

No mesmo sentido, Berkhof sustenta o envolvimento de Deus nas multiformes relações com os homens, de modo que possa Ele ser associado ao conceito, muito comum em filosofia, de *actus purus*²⁷, a significar um Deus que, embora viva sua vida com os homens, estando cercado, por assim dizer, das mudanças próprias dos relacionamentos humanos, não muda em seu Ser, em seus atributos e em seus propósitos, de maneira que a mudança a Ele atribuída pelas Escrituras não passa de uma alteração na relação que estabelece com os pecadores, quando se arrependem.²⁸

O que se verifica, portanto, nas relações humanas é uma passagem do estado de obstinação pecaminosa para o de sujeição arrependida a Deus. E essa mudança provoca em Deus atitudes diversas que nada tem que ver com a alteração de seu ser, mas, ao reverso, até mesmo reforçam seu caráter inamovível, por mostrarem como Deus reage uniformemente a cada uma dessas situações.

Em termos lapidares,

A santidade imutável de Deus requer que Ele trate o ímpio diferentemente do justo. Quando os justos se tornam ímpios, o tratamento deles deve mudar. O sol não é inconstante ou parcial porque ele derrete a cera e endurece o barro – a mudança não está no sol, mas nos objetos sobre os quais ele brilha.²⁹

Nessa linha, François Turretini defende que atribuir a Deus a possibilidade de arrependimento deve ser entendido, por um lado, em conformidade com o hábito dos homens (*anthrōpopathōs*) e, por outro, em atenção ao comportamento do próprio Deus (*theoprepōs*), de modo a destacar a mudança ocorrida no evento, e não no conselho de Deus, tendo em mira as modificações na coisa determinada, não na vontade do Criador. E o citado autor avança para afirmar que “Promessas e ameaças não cumpridas não servem de argumento em prol de mudança na vontade divina, porque elas eram de caráter condicional, não absoluto”.³⁰

A Bíblia parece deixar claro que Deus muda de atitude em seu relacionamento com os seres humanos, a depender da maneira como estes reagem a seus mandamentos (Sl 78; Êx 32.14; Jn 3.10). Como um ser moralmente perfeito, Deus possui padrões e exigências que devem ser cumpridos. Quando a condição moral do homem muda para o arrependimento em relação a algum mal praticado, Deus muda de atitude para com ele, exercendo misericórdia. Seu estado de ira se desloca em direção ao perdão, transporta-se da maldição para a bênção, muda da rejeição para a aceitação. Tais circunstâncias não provocam em Deus nenhuma

²⁷ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 104. O autor assevera que “Na concepção aristotélica, a distinção entre matéria e A. determina a ordenação hierárquica de toda a realidade, que vai de um limite inferior extremo, que é a *matéria prima* (v.), pura potencialidade indeterminada, até Deus, que é *puro A.*, sem mescla de potencialidade.”

²⁸ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 58-59.

²⁹ CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. 3.ed. São Paulo: Hagnos, 2013, p. 242.

³⁰ TURRETINI, François; DENNISON JR, James T. (Org.). **Compêndio de teologia apologética**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, vol. 1, p. 280.

melhora ou piora, mas revelam apenas sua luminosa natureza, que ora reflete seu amor eterno, ora sua justiça.³¹

Além disso, Deus pretende se relacionar com o homem pessoalmente e, para tanto, estabelece com este um relacionamento que pressupõe comportamentos pessoais no nível de entendimento de suas criaturas. Por essa razão, por vezes, Deus é representado na Escritura como quem se arrepende ou muda de intenção, mas, na verdade, tais expressões devem ser entendidas como retratos antropomórficos.³²

Heber Carlos Campos chama a atenção para o que denomina de “uma mudança mais séria em Deus” revelada nas Escrituras.³³ Sem ignorar que nos casos em que se atribui a Deus uma mudança de direção está-se diante, como visto, de um antropopatismo ou a atribuição de um sentimento humano ao Criador, o autor ressalta, todavia, que existem “sentimentos” em Deus que são próprios Dele.

Assim é que, em situações particularmente distintas no texto bíblico, a linguagem humana utilizada para descrever o arrependimento de Deus não é somente análoga, como em outros antropopatismos, mas inadequada ou insuficiente para expressar um genuíno sentimento da divindade, como se esta pudesse se arrepender de um modo ou em um sentido diverso daquele percebido e apreendido pelos seres humanos.

Se, por um lado, não se pode apontar qualquer possibilidade de erro, falta de planejamento ou impotência em Deus (Nm 23.19), de modo que Ele venha a retroceder ou mudar suas promessas em razão de um plano mal-feito (Sl 110.4), por outro, há pelo menos uma passagem bíblica que reforça a ideia de que o arrependimento de que se está a tratar não é típico de homens, encontrando-se, ao reverso, na exclusiva esfera do próprio Deus.³⁴

O texto em questão é o de 1 Samuel 15, no qual se pode divisar claramente a existência de duas espécies de arrependimento: o de Deus e o dos homens. O cotejo entre o texto de 1 Samuel 15.11 e o de 1 Samuel 15.29 põe o intérprete diante de duas afirmações paradoxais: Deus se arrepende (v. 11) e ao mesmo tempo não se arrepende (v. 29). Como conciliar tais informações? A única possibilidade, segundo o autor, é considerar que o escritor bíblico está se referindo ao arrependimento de Deus no verso 11 e ao arrependimento dos homens no verso 29.

Dado que a palavra hebraica é a mesma nos dois casos, o sentido, segundo sustentado pelo ilustre teólogo, não pode ser o mesmo. E conclui, dizendo:

Podemos saber com clareza qual é o tipo de arrependimento que os seres humanos sentem, mas não temos condições de saber qual o arrependimento de Deus. Certamente, os dois não são da mesma natureza. [...] As Escrituras não têm uma palavra apropriada para o “arrependimento de Deus” porque nenhum ser humano conhece ou pode expressar esse sentimento, uma vez que ele pertence exclusivamente a Deus. Então, os escritores sacros tentaram expressar um sentimento que é próprio de Deus com uma palavra

³¹ CAMPOS, Heber Carlos de. **O Ser de Deus e os seus Atributos**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 197.

³² FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 217.

³³ CAMPOS, 2012, p. 198.

³⁴ CAMPOS, 2012, p. 198-199.

que expressa um sentimento próprio dos homens. Daí o nome técnico *antropopatismo*, ao qual já nos referimos.³⁵

Seja como for, o fato é que Deus não deixou de castigar o povo pela adoração ao bezerro de ouro (Êx 32.35). Parte do povo é que se voltou para Deus em sincero arrependimento. A narrativa mostra que a petição de Moisés “[...] baseava-se inteiramente no caráter e na honra de Deus. Ademais, Moisés não fez nenhuma tentativa de desculpar o comportamento pecaminoso do povo”.³⁶ O que realmente exsurge do texto bíblico é o Deus que trata o arrependimento com misericórdia e a obstinação com juízo.

3.2 Correntes Teológicas – tendências diversas e vozes dissonantes

A essa altura já se pode delinear a existência de um padrão ortodoxo bem definido em relação à ocorrência de uma linguagem antropomórfica utilizada pelos escritores veterotestamentários para explicar o “arrependimento” de Deus. Também já se pode dizer que o Deus da Bíblia permanece imutável em seus desígnios e propósitos, visto que a mudança verificada sempre ocorre no ser humano. Uma última conclusão, contudo, constitui o fundamento das duas primeiras: deve haver um equilíbrio entre os conceitos de imanência e transcendência aplicados a Deus, de modo que um não venha a prevalecer sobre o outro.

É justamente quando se passa a dar maior ênfase a uma dessas manifestações de Deus que as distorções surgem. É dizer, imanência e transcendência devem conviver harmonicamente, sob pena de, ao se privilegiar a primeira, criar-se a alegoria de um deus “sensível” e fraco, ou, ao se superestimar a segunda, construir-se a caricatura de um deus “forte” e ausente.

Os adeptos da teologia do processo engrossam as fileiras do imanentismo teológico, que defende a ideia de um Deus que, de tão próximo da criação, chega a com ela se confundir. Liderados por Alfred North Whitehead, sustentam que a realidade é fundamentalmente dinâmica e em constante desenvolvimento, não existindo em condição estática ou fixa. É como se tudo estivesse em crescimento e progresso contínuos, de maneira que a mudança é o que caracteriza a realidade, que não pode ser entendida através de essências fixas.³⁷

Tais conclusões tem implicações diretas na maneira como esses teólogos passam a enxergar Deus, o qual, sendo também uma realidade, deve ser entendido segundo as mesmas categorias aplicáveis ao restante do mundo fenomenológico à sua volta. Deus teria, então, um elemento fixo e um mutável, que revelaria sua natureza inacabada, e não completa e pronta, como sustentado pela teologia tradicional.³⁸

É como se Deus pudesse somente “influenciar” o processo em curso, estando impotente em relação a tudo que acontece, porque Ele mesmo está em crescimento e desenvolvimento. Para essa teologia, o Deus das Escrituras não é onipotente nem onisciente, mas surpreende-se com a realidade, tal qual o ser humano, visto que Ele não apenas afeta o mundo ao seu

³⁵ CAMPOS, 2012, p. 199.

³⁶ CARSON; FRANCE; MOTYER; WENHAM, 2020, p. 186.

³⁷ ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 302.

³⁸ ERICKSON, 2015, p. 303.

redor, mas também por ele é afetado. Deus seria, então, um mero expectador, que simplesmente aguarda o resultado do processo e reage aos seus efeitos na tentativa de persuadir os atores da história humana.

Charles Hartshorn foi o responsável por desenvolver as ideias básicas de Whitehead, modificando-as em alguma medida. Defendeu, por exemplo, que a ideia de Deus como uma entidade, presente no pensamento de seu precursor, não era sustentável à luz da própria doutrina do processo. Para Hartshorn, Deus seria uma pessoa cuja perfeição não seria afetada pela possibilidade de mudança, mas redefinida e, em certo sentido, aprimorada pela receptividade à mudança. O fato de Deus ser influenciado por outras entidades não lhe diminuiria a estatura, visto que, como Deus, Ele tem a capacidade de em si mesmo superar todos esses seres, mesmo sendo afetado por eles.³⁹

Ao se posicionar nesses termos, a teologia do processo se coloca em posição frontalmente contrária à visão teológica clássica, fundada no testemunho das Escrituras, bem como nos desenvolvimentos do Tomismo aristotélico⁴⁰, que estabelecem um Deus não integrante da ordem temporal e, portanto, não sujeito a mudanças ou afetações próprias do envolvimento ou experiência no mundo.

A teologia tradicional também crê na absoluta perfeição de Deus, não sendo possível concebê-lo em um estágio maior de desenvolvimento e perfeição, como sustentam os teólogos do processo. Deus, então, não poderia evoluir em sua condição plenamente perfeita, dado que tal raciocínio seria não apenas insustentável, sob o ponto de vista lógico, como indefensável à luz do texto bíblico.⁴¹

Não obstante as razões da teologia tradicional, o fato é que o texto inspirado das Escrituras não mais satisfaz o desejo irrefreável daqueles que pretendem ir além dele, para dar-lhe uma explicação humanamente “adequada”. Assim é que nasce o teísmo aberto, que encontra suas raízes no liberalismo teológico, expressão maior da heterodoxia cristã.

Surgido nos anos de 1986, com o ensaio *God limits his knowledge*, de Clark Pinnock, o teísmo aberto “...cruzou em silêncio a fronteira do evangelicalismo [...], fixou residência ali e agora move um processo de usucapião [...]”, na feliz expressão de A. B. Caneday.⁴²

Mas foi com John Sanders que a heterodoxia camuflada de cristianismo se assumiu como contraponto definitivo à ortodoxia tradicional, apontando uma falha do teísmo cristão, consistente na

‘[...] maneira filosófica grega de falar sobre Deus (impassível, imutável, atemporal etc.)’, em detrimento da ‘[...] maneira antropomórfica (pai,

³⁹ MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd, 2005, p. 340-341.

⁴⁰ Um dos fundamentos da filosofia de Tomás de Aquino é a analogicidade do ser, termo usado para se referir à criatura não com um significado idêntico, mas apenas semelhante ou correspondente ao ser de Deus (ABBAGNANO, 2012, p. 1144).

⁴¹ MCGRATH, 2005, p. 341-342.

⁴² CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 180.

mutável, sofredor etc.). A igreja seguiu esse caminho por tanto tempo que hoje aceita, sem questionamento, essa maneira de pensar'.⁴³

Embora Sanders pareça sair em defesa do antropomorfismo, a verdade é que os teístas abertos não empregam a imagem de Deus como retratos antropopáticos ou analógicos Dele próprio, mas com o fim de descrever Deus como Ele realmente é. Usam as analogias criadas de Deus para afirmar que elas expressam exatamente o que Ele é.

Por todos, cita-se uma vez mais A. B. Caneday, para quem,

Todos os antropomorfismos e os antropopatismos são inerentemente referenciais, pois envolvem analogia. Eles esboçam similaridade e dissimilaridade implícitas entre Criador e criatura. A falácia referencial do teísmo aberto inverte essa analogia implícita e intrínseca à automanifestação de Deus em semelhança humana. O erro é esquecer que somos analógicos a Deus e considerar a nós mesmos como ponto de referência fundamental para atribuições a Deus.⁴⁴

Em suma, os teístas abertos se negam a atribuir um sentido figurado aos autorretratos antropomórficos de Deus, tais como, “Deus mudou de ideia”. E assim o fazem por entender que, se essas passagens expressam o ser de Deus em um sentido meramente figurado, não permitem o acesso a seu verdadeiro conhecimento, fornecendo, em verdade, um pseudorretrato.⁴⁵

Não se pode perder de vista o fato de que toda busca para conhecer Deus como Ele realmente é mostra-se enganosa. O Deus das Escrituras, ao mesmo tempo em que se revela a nós, também se esconde de nós, para não nos consumir. Dessa forma, toda tentativa de conhecer Deus deve ser conduzida por sua Palavra revelada, sob pena de terminar por trocar a glória de Deus pela imagem e semelhança da criatura, equívoco insanável no qual incorre o teísmo aberto.⁴⁶

Contudo, os esforços dos teístas abertos em produzir um arremedo de Deus ou uma imagem algo distorcida de sua essência e caráter tem desdobramentos ainda mais graves. Considera a ideia de um deus que leva em conta a ação e o pensamento de suas criaturas como determinantes de sua própria ação futura. Em outros termos, a resposta humana condiciona a resposta de Deus, de maneira tal que não é a vontade de Deus que molda o futuro da humanidade, mas a própria vontade humana.⁴⁷

Dito de outro modo, o teísmo aberto acredita firmemente que o homem pode “dobrar” Deus a partir de argumentos, como teria ocorrido na passagem objeto do presente estudo. Para Fratheim,

Mesmo que não devamos considerar que Deus não tinha pensado antes nesses argumentos, vê-los articulados de forma contundente por alguém que foi convidado a deliberar sobre o futuro de Israel, coloca-os em um novo

⁴³ CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 181.

⁴⁴ CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 184.

⁴⁵ CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 185.

⁴⁶ CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 189.

⁴⁷ PRATNEY, Winkie A. **A natureza e o caráter de Deus**: a magnífica doutrina da salvação ao alcance de todos. São Paulo: Vida, 2004, p. 239.

patamar. Isto é, Deus considera a contribuição de Moisés com extrema seriedade. [...] Deus trata a conversão de Moisés de forma íntegra, e honra a percepção humana como um importante ingrediente ao moldar o futuro. Se Moisés pensa essas coisas, elas assumem uma nova significância que não tinham quando tratadas isoladamente pela mente divina [...].⁴⁸

Tal perspectiva ignora o fato de que Deus pode muito bem usar as orações como um instrumento de realização de sua soberana vontade. Faz muito mais sentido, à luz das Escrituras, que o Deus soberano se utilize da intercessão de seu povo como a ferramenta misericordiosa de realização de seus desígnios. Ele poderia simplesmente agir por si mesmo e desconsiderar completamente a ação humana, mas prefere interagir com o ser humano, de modo a fazer com que as coisas aconteçam neste mundo sem prejuízo da liberdade humana de aderir ou não a seus insondáveis propósitos. É preciso atentar para a circunstância de que a oração não muda a mente de Deus, mas tão somente o estado das coisas.⁴⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interpretação das Escrituras não pode se dar sem o conhecimento do Deus das Escrituras. Essa é a primeira conclusão a que se deve chegar quando se busca sinceramente compreender passagens como a de Êxodo 32.14.

Decorrência dessa compreensão da revelação divina tem-se que Deus planejou a Criação para revelar sua glória, e fez o homem à sua própria imagem para que essa revelação comunicasse algo Dele ao nosso próprio ser. Em certo sentido, somos a expressão e o veículo dessa auto manifestação divina.

Assim é que tudo na revelação de Deus se refere à semelhança de Deus em nós; é, por assim dizer, análogo a Deus, de modo que a Bíblia não apenas contém antropomorfismos, mas é, em si mesma, antropomórfica, porque consiste no discurso de Deus aos homens em linguagem humana.⁵⁰

Não devemos, portanto, evitar a linguagem antropomórfica, tendo em mira o fato de que a Bíblia está repleta de imagens verbais. Por outro lado, não podemos dar a ela uma interpretação que ultrapasse os limites do próprio antropomorfismo, igualando Deus a um ser que com ele apenas se assemelha.

Conclui-se, assim, na esteira de Caneday⁵¹, que a interpretação que fazemos da revelação divina não começa conosco e se move na direção de Deus, mas se inicia com Ele e nos atinge em cheio. É por essa razão que o texto aqui estudado, antes de revelar um deus indeciso e pusilânime, mostra a verdadeira face de um Ser compassivo, misericordioso e ao mesmo tempo imutável.

⁴⁸ FRATHEIM, 1984 *apud* PRATNEY, 2004, p. 239-240.

⁴⁹ SPROUL, Robert Charles. **A oração muda as coisas?** São José dos Campos: Fiel, 2012, p. 21.

⁵⁰ CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 239.

⁵¹ CANEDAY, In: PIPER, TAYLOR, HELSETH, 2006, p. 240.

REFERÊNCIAS

- A confissão de fé de Westminster.** São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ARCHER JR, Gleason L. **Panorama do Antigo Testamento.** 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática.** 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- CAMPOS, Heber Carlos de. **O ser de Deus e os seus atributos.** 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- CANEDAY, A. B. Glória Velada. In: PIPER, J.; TAYLOR, J.; HELSETH, P. K. **Teísmo aberto: uma teologia além dos limites bíblicos.** São Paulo: Vida acadêmica, 2006, p. 179-242.
- CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico Vida Nova.** São Paulo: Vida Nova, 2020.
- CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia sistemática.** 3.ed. São Paulo: Hagnos, 2013.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo.** São Paulo: Candeia, 2000.
- CHEUNG, Vincent. **Introdução à teologia sistemática.** São Paulo: Arte Editorial, 2008.
- CRAIG, William Lane. **A razão da nossa fé: respostas à perguntas difíceis sobre Deus, o Cristianismo e a Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 2018.
- ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2015.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual.** São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática atual e exaustiva.** São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HAMILTON, Victor P. **Manual do Pentateuco.** Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- HOWE, Thomas; GEISLER, Norman L. **Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia.** São Paulo: Mundo Cristão, 2003.
- LASOR, W. S.; HUBBARD, D. A.; BUSH, F. W. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2002.
- MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã.** São Paulo: Shedd, 2005.
- PRATNEY, Winkie A. **A natureza e o caráter de Deus: a magnífica doutrina da salvação ao alcance de todos.** São Paulo: Vida, 2004.
- SPROUL, Robert Charles. **A oração muda as coisas?** São José dos Campos: Fiel, 2012.

TURRETINI, François; DENNISON JR, James T. (Org.). **Compêndio de teologia apologética**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. Vol. 1.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014.